



Valores católicos e profissão docente

um estudo sobre representações em torno do magistério e do “ser professora” (1930-1950)*

Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi**

Carla Villanova Neves***

Resumo:

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a problemática da profissionalização de educadores, no contexto dos anos de 1930, a partir do foco no movimento católico. Assumimos que também no âmbito desse movimento estaria sendo conferida uma importância significativa a essa questão. Na direção de estudos que vêm trabalhando com os debates educacionais daquela época, atentando para as interfaces entre as abordagens expressas pelo grupo dos “escolanovistas” e o dos educadores católicos, nossa intenção é a de focalizar as representações em torno da noção de magistério, de profissional docente e de professora, produzidas e veiculadas por instituições e intelectuais que adquiriram importância no movimento de renovação católica.

Palavras-chave:

história da profissão docente; formação de professores; movimento católico; representações de magistério; impressos educacionais.

* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no IV Congresso Brasileiro de História da Educação realizado em Goiânia, em novembro de 2006, inscrita na comunicação coordenada “Ações e representações em torno da profissão docente no Rio de Janeiro (1920-1960)”.

** Doutora em história pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora adjunta de história da educação da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

*** Licenciada em pedagogia (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ) e mestre em educação (UERJ), professora substituta de pesquisa e prática pedagógica (UERJ).



Catholic values and teaching profession

a study into representations of teaching
and of the “being teacher”

Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi
Carla Villanova Neves

Abstract:

The objective of this paper is to reflect on the problematic of teacher professionalization, in the context of the 1930s, concentrating on the Catholic movement. It is assumed that this movement also gave a great deal of significance to this question. In the same direction as other studies that analyse the educational debates of this period, specifically the interface between the approaches expressed by the “New School” group and Catholic educators, the paper focuses on representations around the notions of teaching, the teaching profession and being a teacher, produced and disseminated by institutions and intellectuals and which acquired importance in the Catholic renovation movement.

Keywords:

history of the teaching profession; teacher education; Catholic movement; representations of teaching; educational literature.



Imagens de magistério: entre saberes, valores e sentimento

No contexto dos debates educacionais em curso na sociedade brasileira na década de 1930, sabe-se que o tema da profissionalização de educadores ocupou um lugar de destaque. Tem sido destacado, em vários estudos, que, para os educadores vinculados ao movimento da chamada “Escola Nova”, a questão da formação de professores, relacionada, por sua vez, à da cientificização das práticas educativas, era compreendida como um caminho essencial na modernização da escola e da sociedade. Segundo esses educadores, cabia ao professor, de forma central, a tarefa de forjar, pela mudança de suas práticas cotidianas e, em especial, na relação estabelecida com o aluno, a reforma mais ampla pretendida. Cecília Meireles refletia, em uma de suas crônicas, sobre a relevância da tarefa do professor:

A escola moderna depende, mais que de leis, mais do que do aluno, mais que da própria família deste, de um elemento capaz de modificar todos esses pela sua visão geral da vida, pela sua disposição de constante devotamento a um ideal, ainda sabendo-o de realização tardia, sentindo-o cumprir-se muito depois da sua ansiedade e do seu labor. A escola moderna depende, antes de tudo, do mestre [MEIRELES, 1930].

São bastante conhecidas, no âmbito da “Escola Nova”, as estratégias diversas encaminhadas com a finalidade de formar educadores. Entre estas, merece destaque, por exemplo, a experiência de formação de professores em nível superior conduzida na Escola de Professores, no contexto da reforma educacional encaminhada por Anísio Teixeira, a partir de 1931¹. Também são dignas de nota as estratégias editoriais desenvolvidas por educadores vinculados àquele movimento, que têm sido alvo de importantes estudos².

1. Cf., a esse respeito, Mendonça (2002) e Lopes (2006). Também estratégias editoriais diversas têm sido ressaltadas em estudos recentes.
2. Cf., entre outros estudos, Carvalho (1998) e Toledo (2006).



Já no âmbito do movimento católico, também expressivo no mesmo cenário de debates e ações em torno da educação, iniciativas desse tipo, voltadas para a profissionalização docente, são menos conhecidas. Cabe indicar que estudos diversos já vêm sublinhando a importância do papel exercido pelas escolas confessionais católicas na formação de professoras. Uma outra questão que vem sendo investigada diz respeito, ainda, à presença expressiva de intelectuais católicos como autores de manuais destinados à formação de professores, muitos dos quais adotados em escolas normais brasileiras, inclusive públicas, ao longo de várias décadas³.

O ponto que pretendemos ressaltar neste texto é o de que, para o bom desempenho da tarefa educativa, vista como crucial na disseminação do ideal cristão, as lideranças católicas do campo educacional entendiam a qualificação do professor como um elemento fundamental, o que justificava o encaminhamento de ações diversas destinadas a disponibilizar os saberes considerados necessários à formação para o magistério. E, para além da preparação formal em cursos especializados, com o recurso a leituras pertinentes ao currículo destes, entendia-se que a qualificação do professor – também compreendida em uma perspectiva de atualização constante – deveria ser buscada ainda de outras formas, como, por exemplo, com o auxílio da imprensa e com o estímulo à leitura de revistas e outras obras especializadas.

Uma das revistas destinadas a professores católicos, que assumiu grande expressão no cenário educacional da década de 1930, foi a *Revista Brasileira de Pedagogia*, publicação oficial da Confederação Católica Brasileira de Educação, que circulou entre 1934 e 1938⁴. Incluía muitas seções voltadas para temáticas pedagógicas, cujo tratamento apoiava-se em diversos campos de saber que se afirmavam crescentemente

3. Cf. Silva (2003).

4. As autoras contaram, na pesquisa documental sobre os periódicos católicos *Revista Brasileira de Pedagogia* e *A Ordem*, com a participação da bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/UERJ, Luciandra Gonçalves da Silva (CNPq/UERJ).



então, em um tempo em que o próprio campo educacional também se constituía. Seções como “Filosofia e Psicologia Educacionais”, “Sociologia Educacional”, eram publicadas nas páginas da revista, que também trazia, constantemente, indicações diversas de leitura úteis para educadores.

Um aspecto importante a destacar é que, na ambiência focalizada, as idéias educacionais escolanovistas ocupavam um lugar de expressão significativa, indicando o valor conferido à cientificização dos saberes pedagógicos e das práticas educativas. E se os educadores católicos confrontavam-se com os partidários daquelas idéias em vários aspectos, como o da defesa da escola laica e da co-educação, observa-se que incorporavam outras delas, em especial, aquelas relativas diretamente à prática pedagógica, ao “como ensinar”, aspecto considerado valioso na formação de um educador, pela aplicabilidade e eficácia das proposições escolanovistas, que já vinham sendo testadas com sucesso naquele cenário⁵.

Em um discurso realizado em 1936, como paraninfo da turma de professoras da Escola Normal de Campos e publicado na revista católica *A Ordem*, do Centro Dom Vital, Theobaldo Miranda Santos apresenta sua visão sobre o tema, ao dirigir-se às formandas:

Não pensem que a pedagogia cristã despreza as conquistas científicas da educação renovada. Pelo contrário, ela acompanha com interesse e carinho a evolução dos métodos pedagógicos modernos, fazendo ela própria pesquisas

5. Na seção publicada na *Revista Brasileira de Pedagogia* e intitulada “Debates sobre a Escola Nova”, observa-se esse movimento de diálogo estabelecido pelos educadores católicos com as idéias renovadoras. Cabe indicar que, ao utilizarmos a denominação “educadores católicos”, estamos considerando não a fé religiosa do intelectual em questão, de uma forma particular, mas a sua adesão a um projeto de educação inserido no movimento mais amplo de renovação católica. Cabe lembrar que, ainda que neste artigo estejamos conferindo atenção às representações produzidas pelos “educadores católicos” em uma perspectiva ampla, considerando que o movimento em que estiveram envolvidos contou com um grau de coesão significativo, não podemos esquecer que esse movimento também comportou diferenças e particularidades nas posições de intelectuais católicos acerca de temas variados.



sistemáticas em torno da psicologia infantil e das novas técnicas de aprendizagem. Mas ao invés de fazer desses métodos científicos o meio e o fim da educação, como o fazem, por exemplo, um Decroly ou um Dewey, ela subordina esses métodos às suas finalidades, aos seus ideais que transcendem ao efêmero, ao aparente, ao acidental da existência terrena [Santos, 1937].

Por meio de discursos como esse, bem como de ações voltadas para a formação de professores no âmbito do movimento católico, eram disseminadas representações sobre a atividade docente que, apesar das aproximações, indicavam, ao mesmo tempo, aspectos de distanciamento em relação às concepções de magistério e de educação compartilhadas e divulgadas pelos “escolanovistas”⁶. Na visão de lideranças católicas, os saberes científicos somente comporiam um elemento valioso na formação do professor se assimilados em sintonia com os valores cristãos, a espiritualidade, a dimensão metafísica. Contra um sentido de “materialismo” excessivo que, segundo apontavam, se encontrava presente nas formulações dos educadores renovadores, os católicos apresentavam sua visão de magistério – apoiada, por sua vez, na própria concepção de “educação integral”, sobre a qual duelavam com os “escolanovistas” –, integrando ciência e fé, razão e espiritualidade.

Desse ponto de vista, emerge a representação do magistério dotada de dupla dimensão: a de competência científica, identificada ao exercício de uma função especializada, que demandava uma formação consistente, mas também a de missão, de sacerdócio, a ser exercido com base em atributos imateriais e definida a partir da eleição divina, tal como se pode observar no seguinte trecho de uma conferência proferida por padre Leonel Franca, importante liderança da Igreja da época, dirigida a alunas do Colégio Sacré-Coeur: “Em cada geração Deus escolhe algumas almas privilegiadas, para depositárias e transmissoras do ideal cris-

6. Cf. análise de Roger Chartier (1990) sobre “lutas de representação”. Ainda que seja importante mencionar os aspectos de confronto estabelecidos entre ambos os grupos no debate intelectual, não se deve deixar de ressaltar as interfaces estabelecidas entre ambos, que já vêm sendo objeto de estudo de vários pesquisadores. Cf., a respeito, Carvalho (1994), Sgarbi (1997) e Magaldi (2007).



ção. São as almas de quem recebeu como vós a missão nobilíssima de educar” (1954, p. 271).

Refletindo sobre as imagens que emergem dos discursos de educadores católicos, no período dos debates dos anos de 1930, é interessante observar a referência a expressões genéricas – com o recurso ao gênero masculino –, como “professor”, “educador”, “mestre”, apesar de o magistério, ao menos em seu nível primário, ser exercido na época de forma amplamente majoritária por mulheres. Com o auxílio desse tipo de representação, os discursos analisados, sempre indicando o sentido de modelo, de exemplo, que deveria estar presente na figura do educador, pareciam sugerir a compreensão do exercício da função educativa a partir do modelo maior de Jesus, guia supremo.

Também o uso genérico do termo “professor”, ou equivalente, deve ainda nos fazer lembrar que não apenas o magistério primário seria objeto da atenção do movimento católico. É bastante conhecida a atuação da Igreja católica na promoção, nessa época, do ensino secundário, o que deve ser compreendido no quadro de suas preocupações com a “formação das elites”, vistas como condutoras dos rumos do país, o que se apresentava como fundamental para o projeto católico, em que a questão educativa se articulava estreitamente com a organização da própria sociedade. E nesse nível de ensino, assim como no ensino superior – também alvo de estratégias de afirmação católicas⁷ – a presença masculina mostrava-se indiscutivelmente predominante. Na visão da intelectualidade católica, não importava, portanto, o nível de ensino em que fosse atuar, pois a missão do professor deveria ser a mesma, ressaltada por padre Leonel Franca: “Ora não sei se haverá outra profissão que ofereça como a do educador em nossos dias um campo tão vasto de apostolado social” (1954, p. 194).

Uma outra representação, que convivia com as imagens de mestre referidas ao exercício de uma função especializada e apoiada nos sabe-

7. Também é digno de nota o envolvimento da Igreja católica com o nível de ensino superior, o que conduz, inclusive, ao projeto de criação de uma universidade católica, efetivada em 1941.

res científicos, pode ser destacada, ao refletirmos sobre a visão, compartilhada pelos católicos, acerca das relações estabelecidas entre a escola – e os educadores profissionais – e a família. A partir das palavras de padre Leonel Franca, pode-se ter noção dessa concepção católica sobre o professor: “O professor, público ou particular, é, por função, um delegado e representante da autoridade paterna. Não lhe assistem direitos contra os direitos das famílias” (1953, p. 45). Se os “escolanovistas” defendiam, a esse respeito, a colaboração entre escola e família, colocavam um acento indiscutível na função educativa e na autoridade da primeira instituição que deveria, inclusive, contribuir para a modelação da segunda. Tal percepção se apoiava na crença inabalável, no que se refere à educação, no poder da razão e do saber especializado. Já no caso dos católicos, observa-se que a ênfase na preeminência da missão educativa dos pais, compreendida como de ordem natural, constituída por Deus⁸, apresentava-se de modo inequívoco.

Pode-se perceber, a partir disso, que essa dimensão familiar atribuída à educação contribuía para a produção e veiculação de uma outra representação de magistério – presente, de forma semelhante, em discursos produzidos por setores diversos da sociedade da época (Louro, 1997b) – que identificava essa função à condição feminina e, mais particularmente, ao papel materno. Everardo Backheuser, em artigo publicado na *Revista Brasileira de Pedagogia*, originalmente um discurso de paraninfo, assim se dirige às formandas: “Vós, queridas afilhadas, [...] sereis professoras. Tendes, com isto, de desenvolver vossa atuação pedagógica em uma atmosfera verdadeiramente maternal.” (1934, p. 204). Alceu Amoroso Lima, outra liderança católica destacada na época, apresentava seu ponto de vista em uma direção semelhante:

Na obra educativa, mais que em qualquer outra, só o amor é fecundo e criador. Por isso há tanta afinidade entre a maternidade e a educação. As mulheres são professoras natas, em geral, porque têm por natureza a vocação da

8. Essa compreensão apoiava-se em textos canônicos da Igreja, como a encíclica *Divini Illius Magistri* (“Sobre a educação cristã”), publicada em 1929, pelo papa Pio XI.



maternidade. Essa vocação é a mais bela possível, porque é uma colaboração direta na própria obra de Deus. Como a do artista.

Não é pois a ciência, mas o amor que constitui a qualidade central de uma verdadeira mestra. Saber é fácil. Amar é difícil.

Não estou condenando o saber à custa do amor. Apenas, dizendo que um sem o outro, na tarefa educativa, é o mesmo que suprimir, num pássaro, uma das asas [1944, p. 296].

Nesse trecho, o autor sinaliza para as duas dimensões que deveriam permear a docência, pondo um acento na do sentimento. Mas, ainda assim, ciência e amor estão sendo destacados.

De modo a aprofundar a reflexão sobre a presença de um viés religioso na atividade docente, passaremos, em seguida, a refletir sobre essa questão a partir do foco em uma instituição pública destinada à formação de professores, o Instituto de Educação do Rio de Janeiro, nos anos de 1940/1950. Pode-se afirmar que a circulação de valores religiosos – católicos, em particular –, a que estamos conferindo atenção neste estudo⁹ e que consideramos importante na conformação de uma certa identidade de professora, poderia ser observada por meio de indícios diversos, entre os quais se situam a presença de obras de autores católicos no acervo da biblioteca da instituição, ou a participação, nos quadros do instituto, de professores cuja identificação com a fé católica era evidente. Com vistas a explorar essa questão, por um outro caminho, passaremos, então, a analisar algumas publicações produzidas no âmbito daquela instituição, procurando perceber sinais da presença de valores católicos naquele ambiente, conferindo atenção, de modo particular, às falas das alunas presentes nessas publicações. Foram utilizadas na pesquisa a revista *Instituto*, que tem sua primeira e única edição publicada em 1941, e a revista *Normalista*, em suas edições publicadas entre 1948 e 1953.

9. Cabe assinalar que este artigo é resultante de um esforço inicial de pesquisa inscrito em um movimento mais amplo que tem buscado estabelecer um intercâmbio entre pesquisadores brasileiros e portugueses acerca do tema da história da profissão docente.

Folheando as revistas *Instituto* e *Normalista*

No contato com as páginas de *Instituto*, a presença de um discurso cívico, propagando idéias de ordem e autoridade e permeado por imagens religiosas, é facilmente observável. Essa marca anunciava-se, por exemplo, no artigo intitulado “Palavras de apresentação e de fé”, que saudava o lançamento da revista:

Uma chama sagrada nos acende o peito, neste momento de efervescência nacional. Numa época em que todos se organizam, em que todos ocupam na sociedade o posto devido nessa cruzada em prol do progresso do país, a mocidade do Instituto não pode ficar inerte, sem tomar parte neste concerto patriótico [*Instituto*, 1941, p. 2].

Torna-se importante destacar que, em 1941, quando da publicação da revista, a sociedade brasileira se encontrava sob a vigência do Estado Novo, cenário político em que se observava uma forte aproximação entre o regime autoritário varguista e a Igreja católica. Nesse quadro, marcado de forma acentuada pela disseminação de valores cívico-nacionalistas e pela interpenetração entre estes e os valores religiosos, tal aspecto se mostrava presente naquela publicação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, instituição pública destinada à formação de professores¹⁰. Apresentada como órgão oficial da Sociedade Literária do Instituto de Educação, a revista *Instituto* abrigou em suas páginas colaborações de alunas e alunos, de professores, tendo contado ainda com o comparecimento de autoridades do colégio e da cena política por meio de fotografias, que, compondo um verdadeiro panteão, representavam figuras, tais como o diretor, o secretário de educação e cultura, o prefeito, e até mesmo o presidente. Getúlio Vargas, além de presente por meio de uma fotografia, também aparece na publicação como personagem de um artigo publicado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)

10. Cf. a respeito da presença desses valores na instituição, nesse período, Lopes (2006, cap. 4).



e ainda como autor de uma mensagem exaltando a importância da educação da mocidade com vistas à construção de um futuro grandioso. O tom oficial dessa revista é evidente, mesclado com um acento sagrado, indicado no artigo já citado “Palavras de apresentação e fé”, em que os editores apresentam-se “elevando seus pensamentos a Deus, para que tome sob a sua altíssima proteção os esforços desses jovens, que só aspiram à grandeza do Brasil”.

Se, na revista *Instituto*, o tom é este, afinado com tempos de ditadura, é digna de nota a permanência de referências religiosas em publicações que circulam na mesma instituição de ensino, ao longo dos anos de 1940 e 1950, após o fim do regime varguista, em um contexto marcado por um viés democrático. Mais especificamente, estamos referindo-nos a edições do periódico *Normalista*, publicadas entre 1948 e 1953. No caso dessa publicação, valores religiosos expressam-se no entrelaçamento das representações relativas à atividade docente. Podemos, assim, perceber a presença de recomendações e prescrições de orientação católica direcionadas à formação da normalista, em vários dos artigos analisados.

Cabe destacar a seção denominada “*Christo Regnati*”, que integrava a primeira edição da revista (1948). Tal seção era composta por quatro colunas, denominadas do seguinte modo: “Apresentação”, “No poço de Jacó”, “Tribuna Missionária”, “Se você for chamada a constituir um santo lar”. O teor dos temas abordados pretende ressaltar, fundamentalmente, a importância da atividade docente, associando a idéia de valorização profissional ao sentido missionário, tradicionalmente atribuído ao magistério, conforme se observa no artigo de apresentação:

Colegas!

Poderíamos intitular esta seção “Instituto de Educação Missionário” Mas... Vs. não acham que seria um pleonasma? Em se tratando de educação há tanto por fazer entre nós que todo aquele que se dedicar a esse nobre, mas, espinhoso labor deve ser ou se não é, se tornar um missionário! Não são apenas os selvagens que necessitam de nosso apostolado; não, são muitos e muitos civilizados que ignoram a Verdade...

A nós, futuras professoras, caberá a missão sublime de levar às crianças, aos futuros grandes homens da Pátria, as noções primeiras da Vida [1948, p. 33].

Segundo se pode perceber, forjava-se uma representação da educadora identificada como portadora de uma aura sagrada e imbuída da nobre e árdua *missão* de educar os futuros cidadãos. O sentido de *missão* atribuído à docência, cujo foco é o magistério primário, identificava-se à condição feminina, o que confere à profissão uma marca familiar, que se expressa na figura da mãe, caracterizada como a primeira educadora.

Ocorre que a família, segundo os pressupostos defendidos pela Igreja – nesse caso, próximos daqueles defendidos por educadores vinculados ao movimento da Escola Nova –, demandaria, com frequência, orientação, com o fim de serem sanados problemas que, por vezes, assolavam os lares. No artigo “Vida escolar” (1948, p. 35), dom Jaime de Barros Câmara, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro e professor de metodologia do ensino do catecismo do instituto – duas funções que, combinadas, já são dignas de nota – e colaborador de *Normalista*, criticava a convivência, frequentemente observada, das escolas em relação a famílias mal-estruturadas e à ação nociva por elas desempenhadas junto aos filhos, indagando: “Se ainda acresce a displicência de mestres e inspetores disciplinantes... que se poderá esperar da mocidade assim formada, ou deformada, inconsciente, leviana, dissoluta?”

Os ideais educativos ancorados na moral religiosa, presentes em muitos dos textos, fazem-nos refletir sobre a cultura própria de uma instituição pública de formação de professoras que, embora situada fora da esfera confessional, se coadunava com os preceitos de orientação católica, inclusive pelo fato de atuarem, naquele espaço escolar, professores clérigos, como o próprio dom Jaime, no caso, uma autoridade eclesiástica. É ele quem sublinha a dimensão formativa dos textos sagrados:

Toda a escritura, divinamente inspirada, é útil para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir na justiça. É a sabedoria divina a ilustrar nossas mentes, dirigindo-as para o bem. Realmente, o futuro de nossa pátria, e a felicidade de nosso futuro, está dependente, em grande parte, da orientação



que a mocidade receber neste momento. Eis porque inimigos da Igreja e da Pátria porfiam em ganhar a juventude de hoje.

Não faltam nas Sagradas escrituras sentenças como esta:... “educai-os em disciplina e correção do Senhor” [idem, p. 36].

Na seção analisada, também são abordados temas que contemplam a formação moral e espiritual da professora, buscando-se, desse modo, incentivar as jovens a cultivar as qualidades necessárias para a promoção da sua vida profissional, em uma perspectiva cristã. O trecho a seguir, extraído do artigo intitulado “No poço de Jacó”, demonstra a angústia pressentida pela futura educadora com relação à sua formação acadêmica, espiritual e moral e com relação a possíveis reflexos conseqüentes nela:

Nós, futuras professoras, temos grande responsabilidade, a nós educadoras serão entregues as almas inocentes que constituem a Pátria de amanhã... Se não cuidarmos de nossa formação, lógico não poderemos dar a nossos alunos o que não possuímos. Poderemos criar uma civilização, nunca uma cultura e, talvez, triste ironia! A civilização que com tanto trabalho construímos se revolte e se destrua a si mesma por ser uma civilização sem Deus.

Em nosso Instituto há todos os meios para que nos tornemos mestres não só “de direito”, mas “de fato”. Não omitamos nenhum e só assim na hora de nossa morte poderemos repousar em paz e não teremos que fazer nossas palavras de uma professora em agonia: “Padre fui apenas semeadora de sementes falhas! [idem, p. 34].

Em artigo intitulado “Se você for chamada a constituir um santo lar”, observamos as prescrições de forte teor moral-religioso sendo direcionadas às alunas, também representadas como futuras esposas, reforçando, assim, a interpenetração entre a formação profissional e a formação para o lar:

A preocupação é corrigir e evitar tudo o que torne difícil a vida em comum. E aperfeiçoar-se moralmente, preparando-se para tornar amena a própria convivência e suportar a alheia. [...] Não se pense que são pequenas coisas, fá-



ceis de suportar. Não; todo sacrifício a ser feito diário e prolongado requer uma têmpera moral muito sólida. Quem se prepara para a vida matrimonial deve dispor-se a suportar tudo com paciência e não dar ensejo a sacrifício. Quem quiser uma vida feliz no lar deve cuidar-se de vencer-se e dominar-se. As tendências inferiores têm que ser superadas. Nisto consiste a educação. Vamos dizer tudo numa palavra cristã: Aprendam a humildade, fonte de todos estes bens [idem, p. 36].

No caso do artigo citado, as prescrições apresentadas apoiavam-se em citações do livro intitulado *Noivos e esposos cristãos*, do padre Álvaro Negromonte (1947), figura destacada no cenário educacional da época, circunstância que nos possibilitou identificar a circulação de impressos de orientação católica explícita dentro do instituto. Em um outro número da publicação, um artigo de uma aluna sublinhava a aproximação entre as funções educativas da mulher nos dois ambientes que lhe eram afeitos:

Devemos lembrar, sempre, que não seremos somente mestras, e, sim, como compete à nossa condição de mulher, mães moralmente. Que importam a idade e a pouca experiência? Que não tenhamos um filho? Nada. O instinto materno, que jaz adormecido no íntimo de nosso ser, irá manifestar-se na escola, em toda a sua plenitude e sublimidade [*Normalista*, 1952].

A partir da análise das publicações editadas pelas alunas do Instituto de Educação do Rio de Janeiro – ainda que conduzida em uma aproximação inicial –, em que se faziam ouvir suas vozes e a de outros sujeitos, como seus mestres, pode-se perceber que valores católicos tiveram lugar em suas páginas, em meio ao tratamento de temas diversos referidos à qualificação profissional das futuras professoras¹¹, apresentados

11. A preocupação com o tema da instrumentalização das alunas para o exercício competente do magistério, e com a incorporação de tendências pedagógicas renovadoras, também aparece representada nas páginas das revistas. Num artigo mencionando a inauguração de um laboratório de matemática na instituição, observa-se a



ao lado de outros, como os relativos à sociabilidade das normalistas. E, ainda que se deva considerar que tais revistas não expressavam um pensamento independente das alunas, por vincularem-se fortemente a instâncias de poder da instituição, pode-se observar, em contrapartida, a presença de um grau significativo de compartilhamento, entre as futuras professoras, de uma dimensão religiosa, de um sentido de missão, articulado, por sua vez, à condição feminina, como um aspecto crucial na construção de sua identidade profissional.

Fontes documentais

BACKHEUSER, Everardo. A vida de ontem e a vida de hoje. *Revista Brasileira de Pedagogia*, Rio de Janeiro: Confederação Católica Brasileira de Educação, ano I, n. 4, maio 1934.

FRANCA, Leonel. Ensino religioso e ensino leigo. In: _____. *Polêmicas*. Rio de Janeiro: Agir, 1953.

_____. *Formação da personalidade*. Rio de Janeiro: Agir, 1954.

LIMA, Alceu Amoroso. *Humanismo pedagógico*. Rio de Janeiro: Stella Ed., 1944.

MEIRELES, Cecília. Professoras de amanhã. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, Página de Educação, 8 jul. 1930.

SANTOS, Theobaldo Miranda. Pela educação cristã. *A Ordem*, Rio de Janeiro: Centro D. Vital, maio/jun. 1937.

INSTITUTO, Rio de Janeiro: Instituto de Educação do Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, out./dez. 1941.

NORMALISTA, Rio de Janeiro: Instituto de Educação do Rio de Janeiro, n. 1 a 6, set. 1948/ago. 1953.

nota elogiosa: “E assim a matemática, graças à tendência renovadora dos processos de ensino, começa a abandonar o método de leitura e lição, de questão e resposta, aderindo ao método de laboratório, onde se aprende fazendo [...]” (*Normalista*, 1953, p. 31).

REVISTA BRASILEIRA DE PEDAGOGIA, Rio de Janeiro: Confederação Católica Brasileira de Educação, 1934-1938.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Marta Chagas de. Uso do impresso nas estratégias católicas de conformação do campo doutrinário da pedagogia (1931-1935). *Cadernos ANPED*, Belo Horizonte, n. 7, 1994.

_____. A Escola Nova e o impresso: um estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (org.). *Modos de ler formas de escrever: estudos de história da leitura no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. *A escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *A beira da falésia: a história: entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOPES, Sonia Maria de Castro Nogueira. *A oficina de mestres do Distrito Federal: história, memória e silêncio sobre a Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1939)*. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997a.

_____. Mulheres da sala de aula. In: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997b.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

MARTINS, Ângela Maria Souza. *Dos anos dourados aos anos de zinco: análise histórico cultural da formação do educador no Instituto de Educação do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

MENDONÇA, Ana Waleska. *Anísio Teixeira e a universidade da educação*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

NEGROMONTE, Álvaro. *Noivos e esposos cristãos*. Distrito Federal: Agir, 1947.

SGARBI, Antônio D. *Igreja, educação e modernidade na década de 30*. Escolanovismo católico: construído na CCBE, divulgado pela *Revista Brasileira de Pedagogia*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

SILVA, Vivian Batista da. *Leituras para professores: apropriação e construção de saberes nos manuais pedagógicos brasileiros escritos pelos “católicos” (1870-1971)*. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia: EdUFU, n. 2, 2003.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Pedagogia, política e mercado editorial: análise da coleção Atualidades Pedagógicas*. In: PINTASSILGO, Joaquim; FREITAS, M. C.; MOGARRO, M. J.; CARVALHO, M. M. C. (orgs.). *História da escola em Portugal e no Brasil*. Lisboa: Colibri, 2006.

VIDAL, Diana Gonçalves. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2001.

Endereço para correspondência:

Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi
Rua Marquês de São Vicente, 381 – apto. 802
Gávea – Rio de Janeiro-RJ
CEP 22451-040
E-mail: anamagaldi@superig.com.br

Carla Villanova Neves
Rua Conrado Niemeyer, 28 – apto. 702
Copacabana – Rio de Janeiro-RJ
CEP 22021-050
E-mail: c-villanova@bol.com.br

Recebido em: 15 jan. 2007

Aprovado em: 25 jun. 2007